

Resistência na Bolívia

por Cynthia Malta
de São Paulo

"Não há possibilidade de negociação com o setor privado quando se aplica um programa de ajuste. Quando decretamos as medidas de liberalização da economia e os empresários vinham pedir 'proteção', não permiti que se fizesse nenhuma exceção. Repetia para eles o que eu e meus irmãos costumávamos ouvir de minha mãe na infância: não estou aqui para fazer justiça e sim para manter a ordem".

O depoimento é do ex-ministro do Planejamento da Bolívia, Gonzalo Sánchez de Losada, que em 1985 foi o principal articulador do programa de combate à hiperinflação em seu país. O setor empresarial, segundo ele, dizia que não iria sobreviver ao regime de liberdade de preços e salários, aliado à liberação das importações. "Mas eles se ajustaram, cortando custos,

dispensando pessoal e estão produzindo", garante o ex-ministro.

O programa de ajuste boliviano, que tirou o país de uma inflação de 24000% em 1985 e viabilizou uma inflação de apenas 5% neste ano, também recebeu forte repúdio dos trabalhadores. "Tivemos greves generalizadas durante 10 dias, após a decretação do plano, inclusive com greve de fome. Mas o plano foi mantido pois tive apoio do presidente Víctor Paz Estenssoro".

Sánchez de Losada observou que o programa, aos poucos foi angariando apoio dos políticos e da sociedade, e que, se não fossem fatores circunstanciais, o resultado não teria sido recessivo. A queda dos preços do estanho, óleos combustíveis e cocaína provocou queda de 60% no balanço de pagamentos. "Se não fosse isso, teríamos crescido 4,5% no ano", acredita o ex-ministro.